



Vol. 15, nº 2, (2018)

## ANGOLA EM LITERATURA: ASPECTOS FUNDAMENTAIS SOBRE A LITERALIZAÇÃO DA HISTÓRIA DO PAÍS

\*\*\*

## ANGOLA IN LITERATURE: FUNDAMENTAL ASPECTS ABOUT THE LITERALIZATION OF THE COUNTRY'S HISTORY

Dayane Themoteo da Silva<sup>1</sup>  
Renata Beatriz B. Rolon<sup>2</sup>

**Recebimento do texto:** 04/09/2018

**Data de aceite:** 30/10/2018

**RESUMO:** O presente artigo aborda o processo de literalização da história de Angola e a reconstrução da identidade nacional tendo como base o romance *A geração da Utopia* (1992), do autor angolano Pepetela. Examina a representação artística e a maneira como são dispostas dentro da narrativa as reflexões sobre o sentimento de pertencimento e a consciência política do povo durante o período de luta pela independência de Angola. A análise tem como finalidade a melhor compreensão do complexo processo de emancipação que viveu este país e como a literatura o incorporou em suas representações. Pretende-se ainda, evidenciar o aspecto autobiográfico que se faz presente na construção literária de Pepetela, de maneira que é analisado como elemento chave na construção ficcional do autor deixando em sua obra literária características de relato testemunhal. Assim, na tentativa de melhor compreender a estrutura textual apresentada pelo autor e a participação da literatura na conscientização política e libertação do país, são feitas algumas imersões na história de Angola a fim de elucidar o diálogo entre o histórico, o literário e o político em Pepetela.

**PALAVRAS-CHAVE:** Angola; História; Literalização; Literatura; Pepetela.

**ABSTRACT:** This article deals with the process of literalizing the history of Angola and the reconstruction of the national identity based on the novel *The Generation of Utopia* (1992), by the Angolan author Pepetela. It examines the artistic representation and the way reflections on sense of belonging and the political awareness of the people during the period of struggle for Angola's independence are arranged within the narrative. The purpose of the analysis is to better understand the complex emancipation process that has taken place in this country and how literature has incorporated it into its representations. It is also intended to highlight the autobiographical aspect that is present in the literary construction of Pepetela, so that it is analyzed as a key element in the fictional construction of the author leaving in his literary work characteristics of testimonial report. Thus, in an attempt to better understand the textual structure presented by the author and the participation of literature in political awareness and liberation of the country, some immersions are made in the history of Angola in order to elucidate the dialogue between the historical, the literary and the political in Pepetela.

**KEYWORDS:** Angola; History; Literalization; Literature. Pepetela.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas – PPGLA/UEA. E-mail: dayane\_themoteo@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professora Dra. do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas – PPGLA/UEA. E-mail: renatarolon@hotmail.com.br



## **Autores engajados, literatura, resistência e a reconstrução da identidade nacional**

Falar de Angola é falar de resistência, de luta pela dignidade humana subtraída em séculos de exploração. É evidenciar os esforços de muitos escritores em dar voz aos anseios de homens e mulheres através da arte literária. Assim, falar de Angola é perceber a interação da literatura na constituição de uma nova sociedade. Os esforços em direção à valorização do homem e da terra evidenciaram o caráter de urgência das transformações que preencheram as representações artísticas de reflexões dos anseios da população.

A literatura acompanha as transformações ocorridas no novo país, que nasce a partir do doloroso parto, “Na noite grávida de punhais”, como adverte o título da antologia de poesia africana, do autor Mário Pinto de Andrade. O período de luta e afirmação da identidade nacional gera uma nova nação, mas era preciso unificar os fragmentos culturais espalhados como estilhaços. A resistência permitiu que fosse evidenciada a cor da injustiça que tingiu a luta do povo angolano, luta essa que muitos artistas literalmente travaram, envolvendo-se nos movimentos de libertação, na guerrilha como militantes e/ou como soldados.

O estudo da literatura produzida em Angola revela um sistema literário que privilegiou as produções pautadas a partir das necessidades e das vozes que emergiam das margens. Trata-se de um projeto político-literário em que se destaca a voz, calada por séculos, do povo africano. Na arte literária materializa-se a luta pela libertação, elemento basilar da literatura angolana. A literatura engajada traduz a não alienação de seus autores. Essa produção rompe os limites da prática artística e exerce sua função social, dando voz ao



cidadão que reivindica seus direitos. A literatura torna-se então poderosa arma contra as humilhações e o silenciamento que favoreciam as ações do colonizador. Nesse prisma, um dos aspectos fundamentais da literatura angolana é a representação de uma sociedade conturbada, lugar em que imperava os interesses políticos e econômicos de apenas uma parcela da população. Através das letras, foi possível combater e desnudar as veias pútridas, denunciar as desigualdades e mazelas do poder e da censura, ainda que isso significasse a prisão e tortura do escritor.

Apresentar Angola para os angolanos, esse foi um dos propósitos que envolveram as produções artísticas do período que antecedeu a independência. A literatura exerceu papel importantíssimo na difusão da consciência política que o país precisava para que as mudanças sonhadas por uma geração, que ousou confrontar uma forma de governo que insistia em mantê-los presos ao passado, acontecessem. Nessa perspectiva, Abdala Jr (1989) pondera que, as literaturas de ênfase social em língua portuguesa procuram desenvolver formas de apropriação “comprometidas” com as expectativas sociais a partir da ótica popular. Pondera ainda:

Os grupos socialmente marginalizados podem construir modelos de práxis convenientes para enfrentar a adversidade social. Na literatura, a apropriação desses modos de articulação pode propiciar uma escrita inovadora, bem elaborada do ponto de vista artístico e com identificação com linhas estruturais da cultura marginalizada. (ABDALA JUNIOR, 1989, p.52-53)

Nesse sentido, as tradições, culturas e costumes do país, presentes nas produções literárias, evidenciam o olhar das camadas marginalizadas da sociedade. A militância e o engajamento político estabeleciam-se como característica fundamental do processo criativo da literatura produzida no imediato momento em que se desenhavam novos rumos para Angola.



Essa aproximação entre a literatura e as aspirações sociais do povo estabelece uma ligação que considera as desigualdades, as margens e o silenciamento como matéria prima no combate à alienação social e à conscientização política. O comprometimento do artista em dialogar com o contexto social e político atua como agente que promove a aproximação das aspirações da sociedade e a sua concretização. Segundo Abdala Junior (1989, p.60) “A nova apropriação leva em conta as aspirações mais amplas da sociedade, mas o distanciamento do trabalho artístico pode ocasionar desníveis entre o escritor militante e as expectativas literárias de seu povo”.

Desse modo, um dos elementos fundamentais nessa construção é a língua(gem), evidenciando assim o contexto social dentro da obra. A partir das escolhas linguísticas do escritor na construção de seu texto, é possível acessar as camadas e as particularidades de uma sociedade. A representação das problemáticas condições sociais constitui o credenciamento da literatura angolana engajada. A ênfase nas questões culturais, que consequentemente reproduzem o sentimento de pertencimento e a sensibilidade aos aspectos particulares da constituição histórica desta sociedade, reproduz ainda um diálogo sobre a injusta relação entre o poder colonial português e o homem angolano de maneira singular, de modo que é importante dizer:

Quando a intenção é refletir sobre as relações entre o universo da literatura e a constituição da vida nacional, é preciso considerar, de saída, todo um conjunto de questões que, superando os domínios do especificamente literário, seriam mais comumente associadas a outras áreas do conhecimento como a História, a Antropologia, a Sociologia, a Ciência Política e até mesmo a Geografia. (CHAVES, 1999, p.29)

Sobre essa conexão entre o social e sua representação na literatura Antonio Candido pondera:



Vol. 15, nº 2, (2018)

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (CANDIDO, 2006, p.13-14).

Segundo o crítico, o contexto histórico-social é preponderante para que se estruture dentro do texto literário a unidade desejável para se chegar ao verossímil, porquanto se sabe que o social é uma das bases fundamentais das artes e fonte que inspira e fomenta a literatura. Não se pode, portanto, pensar em literatura dissociada do social, tampouco da língua, uma vez que é a partir dela e de seus diversos usos que se pode verificar os acontecimentos e transformações do social, a propagação da ideologia, da cultura e domínios de um povo. É através dela que a literatura transcreve os mais diversos olhares e perspectivas desses acontecimentos, de maneira que a linguagem se estabelece como uma manifestação da própria sociedade, dialogando e refletindo sobre suas características, ou de outrem a depender dos objetivos estipulados e de seu interlocutor.

Neste aspecto a história de Angola nos conduz a esse contexto de que fala Candido, em que os acontecimentos históricos irão subsidiar a construção do texto literário, questionando os desmandos e injustiças coloniais, enfatizando as dúvidas e arbitrariedade do poder de Portugal. Assim, a construção literária engajada é reflexo das movimentações política-intelectual na altura das lutas pela libertação nacional. O envolvimento e a profundidade das reflexões literárias sobre a real situação do país resultaram,



em muitos casos, em prisões, torturas e exílio, devido ao envolvimento de alguns escritores que iam muito além da literatura. Agostinho Neto, por exemplo, além de escritor, era um dos líderes do Movimento pela Libertação de Angola (MPLA) e um dos expoentes da poesia angolana:

Agostinho Neto colocou-se na vanguarda poética de seu país, como também na vanguarda político-social –situação comum aos escritores dos chamados terceiro e quarto, que se veem obrigados a atuar em vários campos da ação revolucionária. Agostinho Neto teve uma visão mais larga da problemática literária e não reduziu o trabalho artístico a um mero apêndice das atividades do campo político, embora essa inclinação seja corrente nos momentos de grande tensão revolucionária. (ABDALA JUNIOR 1989, p.61).

A literatura angolana não apenas promove um levante contra o controle político português, mas acompanha as tendências que também promoviam mudanças em outras partes do mundo. Por conseguinte, a linguagem adotada nessas produções integra uma espécie de mosaico linguístico, em que a heterogeneidade e a pluralidade de Angola se revelam e se assenhoram da própria identidade. Através desse construto linguístico e axiológico, a linguagem literária reflete e refrata a essência do país, do seu povo, da sua história e estórias, ao mesmo tempo em que marca e assume a alteridade, manifestada através da própria Língua Portuguesa, entre outras formas presentes na sua formação enquanto nação.

A oralidade, por exemplo, marca essa apropriação da literatura perante aquilo que caracteriza com mais profundidade um povo: a sua cultura. Com isso, as marcas de oralidade trazem a personificação do próprio povo, incorpora os falares e imprime a identidade nacional no interior das representações, revelando assim o ser do homem angolano. Consequentemente, essa linguagem trouxe em vários aspectos as



particularidades do povo e das transformações por que passava o país. O sistema literário constituía-se da articulação de intelectuais e escritores comprometidos com as ansiedades, as dúvidas e os sonhos dos movimentos nacionalistas, servindo de base dinamizadora nas representações do devir social em Angola.

A articulação política e ideológica veiculadas por escritores engajados com a causa nacionalista favoreciam o processo de conscientização do povo. Movimentos como os “Novos intelectuais de Angola” convidavam a população a “descobrir Angola”. O convite, além da apropriação das questões culturais, pretendia o esclarecimento político, o enraizamento e o repasse de informação a respeito da repressão e desigualdades do sistema colonial, e mais tarde do sistema fascista do governo português.

A atuação desses intelectuais consolidava a ação promovida por outros escritores que antecederam sua geração, de modo que o engajamento nas reivindicações pela independência coaduna-se e reitera o trabalho de Cordeiro da Matta, Inocêncio Mattoso Câmara, Pedro Félix Machado, José de Fontes Pereira, entre outros que compuseram o grupo que ficou conhecido como os “Velhos Intelectuais de Angola”<sup>3</sup>. A mobilização do espírito nacionalista dos novos consolidava os esforços dos velhos escritores e intelectuais em direção a uma Angola livre da dominação colonial. Acerca do trabalho incessante pelas inscrições de angolanidade, Pires Laranjeira (1995) comenta:

Nesse jogo entre a ilusão do real concreto e o concreto da ilusão ficcional, a ideologia do enraizamento, enquanto modo de identidade, crava no texto as suas garras. Os elementos fulcrais do enraizamento são os signos da terra, povo, língua, sangue,

---

<sup>3</sup> CHAVES, Rita. A formação do romance angolano, Coleção Via Atlântica, São Paulo: FBLP, 1999, Vol. 1.



raça e da tríade nação-pátria-Estado. (LARANJEIRA, 1995, p. 164)

Note-se que a ruptura é sistematizada para além das aspirações políticos-culturais. A incisão operada no sistema literário, após a década de 1940, esquematiza a reinvenção do modelo literário, fugindo assim dos moldes da literatura europeia (portuguesa). Daí tem-se, por exemplo, a incorporação da oralidade, a construção de uma língua portuguesa com expressão angolana, na qual as raízes culturais, o misticismo, a religiosidade, as estórias, o *griot*<sup>4</sup> se fazem presentes e se tornam fundamentais na construção do cerne e dos seus padrões. Esse artifício, além de estabelecer uma linha direta com as questões históricas, desconstrói todo aspecto invasivo e violento que exerceu a língua portuguesa e, através da apropriação das estruturas da língua, incorpora a identidade nacional, construindo assim uma nova expressão, agregando-lhe uma nova identidade. Sobre essa nova abordagem da oralidade, Ana Mafalda Leite afirma:

A tendência para situar no âmbito da oralidade e das tradições orais africanas o discurso crítico e a produção textual surgem ainda de certo modo como forma de reacção a uma visão das literaturas africanas como satélites, derivados das literaturas das "metrópoles". É um discurso que, de certo modo, se torna reactivo pela atitude inversa. De um cânone marcado pelo signo da colonialidade, passa-se à assunção de outro, indígena, que tenta centripetamente encontrar, no âmbito da cultura africana, os modelos próprios e autênticos. (LEITE, 1998, p.12).

---

<sup>4</sup> Segundo Leila Hernandez, os *griots* são trovadores, contadores de histórias, para os quais a verdade não possui rigor, sendo-lhe facultada uma linguagem mais livre. Consultar HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*, 2ª ed. rev. São Paulo: Selo Negro, 2008.



Nessa projeção, a oralidade faz-se característica marcante dentro das perspectivas e objetivos da literatura engajada, distanciando-se cada vez mais da literatura do colonizador e aproximando-se ainda mais da ancestralidade que a oralitura reconstrói. Neste contexto, o histórico, o social e a ancestralidade transcrevem-se em instrumento de autenticidade, de luta e denúncia dentro das representações literárias. É, portanto, nesse aspecto, que a literatura angolana, com especial destaque para a literatura produzida nos anos que antecederam a independência do país, revela as angústias e apelos que as manifestações nacionalistas denunciavam, resgatando e reconstruindo aquilo que Angola possui de mais característico e singular: a sua história.

Precursor dessa nova configuração da literatura nacional, Castro Soromenho (1910-1968) traz em suas obras a autêntica modernidade literária da qual se refere Macedo (2009). A apropriação da língua e a representação da linguagem popular era um elemento basilar, trazendo ainda aspectos da oralidade e de línguas nativas. Obviamente que o extrato social e a configuração histórica resultariam em produções que refletissem e trouxessem características importantes de Angola. Assim, toda energia usada para promover a emancipação política também o foi necessária para redirecionar o jovem sistema literário. Dessa maneira, Abdala Junior argumenta:

O momento exigia novas estratégias: confluem para a literatura formas discursivas da antropologia, da sociologia, da política, do jornalismo etc. Espaço de convergência, a literatura (re)descobre o país para (re)imaginá-lo. São atores dessa etapa histórica: Agostinho Neto, António Jacinto e Viriato da Cruz, entre outros que viriam a inscrever o seu nome na história das letras da república angolanas. (ABDALA JR, 2006, p.213).



Essas novas estratégias chegaram à Angola vindas da Casa dos Estudantes do Império (CEI), a partir de jovens estudantes que foram para Lisboa. Quanto a isso, é oportuno mencionar que este processo se deu muito provavelmente por um cálculo errado de Marcelo Caetano (sucessor de Salazar). A CEI foi criada para receber jovens oriundos das colônias do continente africanos para estudar e tendo estes jovens uma extensa estada na capital portuguesa e contato com os ares português, ao voltarem para seus países exaltariam e dariam glórias a Portugal. Contudo, esses jovens africanos voltaram para seus países levando consigo uma nova perspectiva sobre a política colonial. De acordo com Inocência Mata (2015):

[...]a CEI «nascia como consagração da política de enaltecimento e defesa do império colonial, portanto o coroar de uma espécie de consciência histórica do regime» (Faria, 1997: 2). A história que se seguiu foi a transformação da Casa num espaço com uma dinâmica aglutinadora de solidariedades individuais, grupais e intelectuais para além de cumplicidades sedimentadas por afectividades ideológicas e culturais. É essa dinâmica que explica que São Tomé e Príncipe estivesse, na CEI, integrada na Secção de Cabo Verde, «por certo, pela coincidência de insularidade » (Espírito Santo, 1997: 87), e Amílcar Cabral representasse São Tomé e Príncipe na CEI na medida em que era, em 1949, presidente da Direcção34569-46789' VP da Secção das Ilhas de Cabo Verde, Guiné e São Tomé e Príncipe.

Hoje, os antigos membros das diferentes gerações de estudantes africanos que se formaram na CEI dizem que ela foi isto, mas também o seu contrário. Muitos referem-se a essa ambiguidade da CEI (ou talvez fosse, antes, uma ambivalência) que tanto se manifestava pela perspectiva da CEI como «um dos poucos oásis de democracia e de liberdade que ainda sobreviviam no vasto deserto colonial-fascista » (Querido, 1997: 117) e como «palco da reconstrução metafórica das sociedades coloniais de origem e cenário do mimetismo cultural resultante de uma estadia mais ou menos prolongada em Lisboa» (MATA, 2015, p.08).



A Casa dos Estudantes do Império foi um dos mais importantes centros de formação de escritores que imprimiram em suas obras a utopia da libertação, exercendo o papel de elo entre países que viviam em condições de subalternidade e repressão políticas advindas de um mesmo opressor. A afetividade, a ideologia nacionalista e as notícias da repressão em Angola aproximaram os jovens escritores, trouxeram a identificação entre culturas, costumes, esperanças e um forte desejo de afirmação do que realmente ou ancestralmente eram. Nessa perspectiva tem-se que o escritor Pepetela constrói, em seu romance *A geração da utopia* (1992), a representação da atmosfera que tinha aquele lugar, que funcionava como uma ilha de liberdade envolto de autoritarismo, tortura e repressão.

Foram anos de descoberta da terra ausente. E dos seus anseios de mudança. Conversas na Casa dos Estudantes do Império, onde se reunia a juventude vinda de África. Conferências e palestras sobre a realidade das colónias. As primeiras leituras de poemas e contos que apontavam para uma ordem diferente. E ali, no centro mesmo do império, Sara descobria a sua diferença cultural em relação aos portugueses. Foi um caminho longo e perturbante. Chegou à conclusão de que o batuque ouvido na infância apontava outro rumo, não o do fado português. Que a desejada medicina para todos não se enquadrava com a estrutura colonial, em que uns tinham acesso a tudo e os outros nada. Que o índice tremendo de mortalidade infantil existente nas colónias, se não era reflexo direto e imediato duma política criminosa, encontrava nela uma agravante e servia aos seus objetivos. E demonstrou essas ideias numa cuidadosa escolha das palavras, que lhe valeu muitos aplausos no fim, mas também uma chamada à PIDE, a polícia política, para advertência. Agora tens ficha na PIDE, cuidado, avisou Aníbal. Os pais lá em Benguela souberam do caso, por vias que só Deus talvez explicasse. Lá veio a carta, pagamos-te os estudos para seres médica e não para defenderes ideias comunistas. Não ponham adjetivos ridículos, são ideias justas, respondeu ela, sabendo que não os convenceria. (AGU<sup>5</sup>, 1994, p. 06).

---

<sup>5</sup> Utilizaremos as siglas AGU quando citarmos trechos do romance.



A representação de Pepetela traz elementos primordiais que caracterizaram as obras dessa geração de escritores: a articulação política e a denúncia, associadas a uma construção textual que incorpora traços autobiográficos. Escritores como António Jacinto Viriato da Cruz, Agostinho Neto, e Mario Pinto de Andrade, citados anteriormente, são expoentes que se destacaram nesse período da história da literatura angolana.

A história e as transformações do país estão diretamente ligadas à história da literatura, de modo que é a partir da identidade nacional ou da constante busca por um sentimento de pertencimento, que o sistema literário se transforma em uma poderosa arma de combate contra o fascismo português e luta pela afirmação da identidade. O cenário caótico da ex-colônia surge nas produções dos escritores como temática que desnuda a violenta repressão e as desigualdades geradas pelo sistema colonial. Rita Chaves (1999) argumenta que essa literatura enraizada na terra, com marcas essenciais, pretendia mais que a construção de um sistema literário, a nação se vai impondo e desenhando profundas fendas na superfície do fragmentado chão colonial.

Nessa lógica, o fazer artístico estabelece-se como agente politizador. Transforma-se então numa das ferramentas que impulsiona a luta pela libertação de Angola e que, ao mesmo tempo, desnudava feridas seculares, reconstruindo a pertença de um povo que estava reprimido e aprisionado ao outro que o dominava.

É inegável a contribuição do engajamento artístico na construção do projeto de um país independente, na reconstituição da identidade nacional e na conscientização política. Ao passo que, necessariamente, todo processo de formação do sistema literário esteve diretamente ligado às questões históricas, social e políticas que o país enfrentava (e enfrenta). Entre elas estão, por



exemplo, a emancipação política do país, o reconhecimento do papel da mulher na sociedade, a vida na periferia, a violência e a corrupção. De acordo com Manuel Ferreira:

Eis como por vezes florescem os textos literários. Aqui a prática pedagógica se metamorfoseia em prática cultural e literária. Porquê? Mercê de um equilíbrio, de um doseamento dos acontecimentos, das situações, das relações entre os protagonistas, tudo entretecido em nexos real e verossímil, e numa linguagem que se enriquece na simplicidade. Obra de multiplicidade significativa e a torná-la perene uma atmosfera poética que nos cativa, página a página, no prazer do texto. É de uma importância fundamental para a compreensão da consciencialização na luta revolucionária. Jofre Rocha, com *Estórias de musseque* (1976) alarga o seu espaço criativo, prolongando o poeta. As narrativas seleccionadas representam um avanço significativo em relação a outras suas que foram publicadas na imprensa angolana. O seu discurso percorre um tempo que se pode dizer inscrito na década de 60 até à fase final da guerra colonial. A semântica é, deste modo, a de um período profundamente dramático que exprime, essencialmente, a incomodidade, a humilhação, a repressão; mas também a integração na área de consciencialização libertadora, não por via ideológica, mas por via da experiência colhida no mundo desigual e brutal imposto pelo colonialismo, em termos de escrita organizada sob o signo da angolanidade. (FERREIRA, 1977, p.61).

Novos olhares são lançados, novas formas de combate são possíveis a partir do espírito aguerrido de autores que se envolveram na tarefa de promover transformações política e social em seus textos, através da representação artística e da linguagem literária. (Re)imaginaram a história e o devir de Angola, manifestaram-se em suas obras, e fora delas, envolveram-se na militância política pela libertação nacional.



## Pepetela e a literalização da Guerra anticolonial

Artur Pestana, batizado na guerra como Pepetela (autor angolano de Bengela, militante do MLPA, ex-combatente na luta pela Libertação de Angola, sociólogo e professor) traz em sua literatura marcas que vão além da representação da história de Angola. Em cada linha de suas obras estão presentes o sonho e a esperança de liberdade políticas, social e artística. Pertence a uma geração de autores que ousou mostrar através da arte engajada a luta por uma utopia e viveu o desencanto da distopia, mediante as grandes desigualdades e horrores que o processo de luta armada trouxe.

Pepetela transcreve em suas obras o desejo e sonhos de um povo, que se revelam de início nos braços abertos da personagem Sara, no romance *A geração da utopia* (1992). Denuncia as discontinuidades e desigualdades sociais que estão arraigadas, algumas desde muito antes do colonizador, na cultura desse povo. Debruça-se diante da missão de *griot* e revisita as estórias que a história de Angola lhe permite. Pepetela abraça de tal maneira a função de narrador que em muitos casos o imaginário e ficcional confunde-se (e funde-se) na própria experiência. Abdala Jr. afirma:

Historicamente, como é conhecido, Pepetela situa-se numa geração de Estudantes que se articulou em Lisboa, em torno da Casa dos estudantes do Império e de sua utopia social, configurada politicamente nos movimentos de libertação nacional. O registro dessas aspirações está no romance *A geração da Utopia*, escrito no momento em que se renunciava a queda do assim chamado socialismo real, que burocraticamente colocou o socialismo em articulações labirínticas. (ABDALA JR, 2003, p.244 e 245).

Articulado politicamente, Pepetela avança com uma linguagem que reproduz as pinceladas do artista plástico que almeja alcançar a fidedigna imagem da musa que lhe inspira, rumo aos meandros que revelam cada



detalhe das possíveis histórias de Angola, ou mesmo, como a projeção de um filme, como bem descreve Laura Cavalcante Padilha (2013):

A linguagem cinematográfica exerce forte sedução sobre o imaginário criador de *Pepetela*. Seu leitor atento é levado a perceber, muitas vezes, que a montagem- específico filmico por excelência- parece dar o sentido da forma como as sequências narrativas se desenvolvem através das cenas ficcionalizadas. O olhar do receptor, convidado a interagir com o do narrador e, sob sua capa, com o do próprio escritor, vai, pela abertura da janela das páginas, descobrindo uma série de fotografias postas em movimento pela ação da escritura. Há uma clara tentativa do produtor de ir montando suas sequências e cenas em planos, ou seja, como indica Ismail Xavier, em segmentos contínuos de imagens. (PADILHA, 2013, p. 104).

Assim, sua representação dá luz aos aspectos mais simples, captura a essência do drama vivido no contexto da guerra, as intrigas e a crise existencial entre os guerrilheiros dando voz aos a essas personagens e suas questões mais íntimas, tecendo críticas ao sistema adotado pelo MPLA. Questionando a ausência do registro histórico sobre a participação feminina na guerra através de personagens como Sara, o autor aborda problemáticas que desnudam o colonialismo e questões internas do partido. Usa uma linguagem que busca mais que a representação das trincheiras da guerra pela libertação de Angola e promove também a discussão sobre os dramas humanos (a culpa, a solidão, a dor, a fome, a morte, a corrupção). Dotado de uma construção linguística altamente complexa, *Pepetela* traz desde os pensamentos mais singelos aos complexos e ardilosos argumentos políticos, numa linguagem que tende a provocar no leitor a sinestésica revolta ou encantamento. Produz catarse, pelos discursos presentes na construção da subjetividade de cada personagem ou narrador. Neste sentido Soares argumenta:



Vol. 15, nº 2, (2018)

A incubação corresponde à narração, em que se expõe o caso detalhada e sistematicamente, dando-se todos os pormenores pertinentes e verosímeis, manipulando a estória, ou os diversos pontos do assunto, sem que o leitor o perceba, numa estrutura aparentemente natural ingénua ou neutra, mas, na verdade, bem trabalhada. É a incubação que o criativo vai reorganizando nas narrativas anteriores, embora aparentemente alheado disso (como o leitor- o aparente alheamento corresponde ao “aparentemente natural” da narrativa). (SOARES, 2006, p.277 e 278).

A incubação de que fala o crítico Francisco Soares acaba por revelar um alto conhecimento dos sistemas político e social, atrelados a uma vasta experiência dentro de determinada sociedade (como a experiência traumática vivida por mais de quatrocentos anos pelos angolanos). O distanciamento permite ao autor a liberdade de ficcionar ou literalizar o histórico. Porém, consciente das relações e ligações axiológicas e ideológicas que esse processo pode e deve envolver e dos possíveis posicionamentos e reflexos provocados em seus leitores.

A utopia que o momento vivido inspirava eram utopias possíveis de serem concretizadas. No romance *A geração da utopia*, Pepetela traz a literalização do período da luta pela libertação e independência de Angola. Acerca dessa narrativa Dutra comenta:

Assim, se comparada ao clima das outras narrativas, esta revela um modo sem disfarce que descortina a falta de escrúpulos de personagens ligadas ao governo e à elite que passou a reger o país no pós-guerra. Com efeito, ao pôr em xeque a “cultura oficial”, a narrativa tem como tropo principal a ironia que retrata seu comportamento e que aponta para uma época da decadência em que se constata a perda de sentimentos como a justiça e a solidariedade. (DUTRA, 2011, p.160).

É importante ressaltar o caráter social e de resistência da obra de Pepetela, sem perder de vista o valor artístico da representação e a harmonia



de reconstruir a saga utópica dos angolanos, que almejavam para si um país livre. Pepetela traz em seu romance os anseios de uma geração de jovens que sonhava e trabalhava por um país livre do fascismo português. Pode-se dizer também que apresenta o resgate memorialístico, pois são tratados traumas sobre a experiência de guerrilheiro. O romance *A geração da utopia* é iniciado em 1961 e finalizado em 1991. Insere-se assim no período que durou a Guerra pela Libertação de Angola do colonialismo português e adentra no processo de Guerra Civil (2002), refletindo sobre o pós-colonial e esboçando por final o início da crise civil. Nisso projetam-se as figuras dos guerrilheiros enfrentando os colonialistas e a própria natureza humana, suas reflexões políticas e amorosas, as aspirações e articulações de poder político e econômico e a miséria humana.

O romance caracteriza-se pela literalização de um episódio histórico que envolveu e solicitou a participação do povo de Angola, devido a isso destaca-se o caráter sociológico e utópico, aspectos que permeiam a literatura angolana e que são contemplados por grandes autores contemporâneos a Pepetela. Nessa perspectiva, o artista estabelece um diálogo entre a representação e o registro histórico, entre texto e contexto. Nessa linha de pensamento, Mata (2006, p.51) afirma: “Pepetela consolida uma das mais produtivas tendências da literatura angolana (a relação entre Ficção e História) e um dos mais portentosamente ideológicos veículos de reflexão sobre o país que acabava de nascer”.

O construto literário de Pepetela apodera-se da experiência do trauma histórico e a reconstrói com o tratamento estético que a arte lhe permite. Com isso, a narrativa transforma-se em algo que desfila entre o artístico e o registro documental da história, convertendo-se em instrumento



de luta, à medida que expõe os aspectos pérfidos e as incongruências da guerra. Sobre essa característica da narrativa de Pepetela, Sarteshi comenta:

A trajetória literária cumprida até aqui pelo romancista angolano mostra-nos que a ponte estabelecida com a História – presente e passada- de seu país realiza-se em sua escrita em um espaço de fronteiras entre os campos da Literatura e da História, constituindo-se uma narrativa em que serão contempladas também as noções de memória, de identidade e de tempo.

Assim é possível verificar que Pepetela, através de sua obra ficcional, resgata elementos do passado para estabelecer, pois, uma perspectiva de nação e uma certa compreensão do próprio presente. Para tanto, o escritor, no exercício da construção da narrativa ficcional, toma como referência sua realidade histórica além de sua experiência como agente e testemunha do processo histórico de libertação de Angola. (SARTESHI, 2015, p. 59-60).

Pepetela trabalha a partir da referência aos estilhaços dos ideais da revolução e do espírito nacionalista animado pela imaginação utópica. Aborda os desencontros entre os soldados das trincheiras e os líderes políticos, problematizando assim o idealismo construído a partir da imagem do guerrilheiro. Estrutura em sua narrativa uma grande alegoria da utopia que subjazia aquele conturbado período da história angolana. Trazendo reflexões de natureza político-sociais aliançadas a questionamentos existencialistas, faz aflorar em seu texto a crueza da guerra e a condição não-humana a que homens, mulheres e crianças foram submetidos. Moema Parente Augel (2005), posicionando-se a respeito da literalização da história e a resignificação desta dentro da construção literária africana, ressalta:

Para nós, portanto, a contagem do (re)nascimento do mundo e da dignidade começa com a constituição do novo Estado que se libertou pelo esforço de seu povo. É a *geração da utopia*, como a chamou Pepetela, que se levanta dos escombros de um passado desmembrado e fragmentado, passado que é preciso lembrar e re-agregar para retrabalhar os traumas do presente e suas duradouras sequelas. (AUGEL, 2005, p.17).



Nessa perspectiva, o romance de Pepetela estabelece este re-agregar à história nacional de Angola através das estruturas axiológicas, apresentadas em vários de seus personagens, mostrando o quão desassistido estava o país. Preenchendo lacunas e retrabalhando os traumas, promove a mitificação do real em favor dessa reconstrução nacional e representação da história. Discorrendo sobre a construção literária do autor angolano, Inocência Mata observa:

Pepetela é um dos construtores literários dessa ponte de que fala Aníbal, uma ponte que é resultante de um intencional projecto de nacionalidade abrangente. A sua obra pauta-se por características sémicas que apontam para a diferença, a diversidade, a alteridade, a igualdade e a dialogia, num processo em que o diálogo entre as duas entidades não tem um resultado somativo mas cumulativo, dando sentido às palavras de Manuel Rui: “ser pátria assim, multilinguística e multicultural, é ser-se mais rico para a criatividade (...) Numa pátria assim, sempre o real se decifra por ângulos cada vez mais diferentes e a própria comunicação é a multicriatividade, pelo que é essencial: o homem” (Rui, 1981: 33) – Manuel Rui, ele próprio errante de território (nasceu e cresceu no Huambo, outro espaço ideológico e cultural que talvez nem se “encaixe” em nenhuma das duas Angolas já consideradas), errante de género (é cultor de duas práticas literárias, a narrativa e a poética) e errante de modo (na sua obra revela apetência tanto para o modo lírico, o satírico, o evocativo e o heroico-épico) (MATA, 2006, p.07).

Ou ainda:

Na literatura angolana, sob a punção da ideologia nacionalista, a história foi recurso para, através dos mitos de que qualquer história nacional vive, se construir como veículo de afirmação cultural e reivindicação política. E por isso, isto é, por imperativos exteriores ao texto, o acontecer histórico era transformado em “material épico” para a celebração de uma nação imaginada, a ser inventada. (MATA, 2009, p.196).



A partir do que pondera Mata é notório que o recurso memorialístico, usado na construção dos narradores e personagens, é algo latente e que subjaz a literatura de Pepetela. Os elementos históricos são incorporados ao bojo estrutural e distribuídos entre personalidades das personagens, preenchendo o texto com um efeito de relato memorialístico (testemunhal). A exemplo disso, tem-se a construção da personalidade de Aníbal, um dos protagonistas em *A geração da utopia*:

Aníbal, que mais tarde seria conhecido por Sábio, era aspirante miliciano. Tinha terminado no ano anterior o curso de Histórico-Filosóficas e fora fazer o serviço militar obrigatório. Depois da recruta em Mafra, foi afetado a uma unidade de infantaria perto de Lisboa. Todas as semanas aparecia na Casa para rever os amigos. Como sempre, estava à civil. Farda só no quartel, dizia ele, pouco à vontade no seu papel de militar. (AGU, 1994, p. 09).

Jovem angolano, negro, desertor do exército português, participa das discussões na Casa dos Estudantes do Império. Militante nos movimentos nacionalistas contra o regime fascista português, Aníbal desertou do exército português em virtude de suas questões ideológicas. Tornou-se guerrilheiro na luta pela libertação de seu país e após a independência, desiludido, deixa a vida militar e isola-se na Praia da Coatinha em busca de reencontrar-se com o polvo da infância, que lhe assombrava os sonhos. Para Chaves (1999):

[...]Aníbal que, orientado pelo seu desencanto retira-se para a praia da Coatinha, mergulha naquelas águas sempre mobilizado pelo desejo de reencontrar o polvo, o enorme polvo que sua memória convertera em entidade mitológica. Para aquele pedaço do país, afastado da capital e de qualquer centro de decisão, fica transferido o palco onde se vai dar um grande combate, o combate de um homem disposto a preservar-se inteiro com seus próprios monstros, com seus medos e seus limites. Inteiro, mas isolado, impotente para lutar contra outras feras, Aníbal compõe a imagem do espírito das chanas do Leste, miticamente identificado com o sonho que o conduziu à luta pela independência. A alusão a essa força no fim do capítulo exprime



Vol. 15, nº 2, (2018)

a hipótese de que adormecida a utopia pode um dia acordar.  
(CHAVES, 1999, p.229).

Mediante a construção da personagem Aníbal evidencia-se o envolvimento de Pepetela com os acontecimentos históricos e políticos de Angola, de maneira tal que se pode dizer que a história de vida do autor serve como subsídio na construção da história não apenas da personagem Aníbal, mas em toda a construção do romance. Dutra, nesta perspectiva, explana:

Muitas são as vias por eles escolhidas para essa nova reescritura. Como alter ego do escritor, temos em Aníbal, o Sábio, personagem de *A Geração da utopia* (1994) a afirmação lúcida que critica uma “elite que nunca soube aliar-se às elites rurais tradicionais” e cujos agentes foram “intermediários da colonização, embora gritando contra ela” (DUTRA, 2011, p.158. Marcas do autor).

A trama tecida no interior do romance entrelaça-se com a trama dos relatos históricos, com a experiência vivida, das quais o construto literário de Pepetela refrata as imagens produzidas pelo processo histórico, de maneira que a liberdade no tear do tecido literário permaneça íntegra e livre das amarras que o desejo de atestar verdades traz consigo. Esse procedimento estabelece-se como marca de crítica ao registro da história nacional. Além disso, o modelo de construção literária abordado por Pepetela está diretamente ligado às estruturas das literaturas pós-coloniais e contempla aspectos distanciados dos moldes europeus.

A literatura de Pepetela está longe de ser uma representação egocêntrica da própria história de vida. O caminho trilhado pelo escritor é justamente o oposto a essa ideia. A representação do histórico em suas obras abrange o universal. Apresenta-se como forma de mostrar o povo, com seus falares e particularidades da cultura e da essência angolana. Trata-se da



literalização do histórico a serviço da reconstrução de um país, no qual a personagem principal é justamente a representação da história nacional. A esse respeito Dutra comenta:

A crítica da História dentro da história, ou seja, a narrativa em espelho, em que diversas narrativas se encaixam dentro da outra e assim por diante, funciona como um jogo de reflexões que mescla imagens reais de Portugal dos anos 60 com uma realidade ficcional que poderia ter acontecido. Juntam-se a esse procedimento as referências a textos e situações anteriores, isto é, há uma volta ao passado, o que faz com que exista uma permanente relação dialógica entre o presente e o outrora. Tal relação, por conseguinte, reflete um movimento paradoxal de aproximação e de distanciamento que reproduz efeitos de quem mira de perto ou de longe a estrutura reflexiva do espelho. A aproximação se dá quando o contexto histórico passado é instaurado como um primeiro referencial a ser posteriormente desconstruído através de um narrador contemporâneo. (DUTRA, 2011, p.158).

À vista disso, entende-se o arcabouço literário (ou grande parte dele) como resultado das ressonâncias históricas e memorialísticas, aliançadas à subjetividade e ao olhar que cada sujeito lança sobre determinada realidade. Assim, pode-se dizer que a literatura de Pepetela figura entre as literaturas pós-coloniais, trazendo uma nova leitura dos aspectos da sociedade, que se constitui a partir das suas margens e da condição periférica, não necessariamente associada a uma linearidade temporal. Consequentemente, ao abordar questões associadas às discontinuidades sociais e temas como o silenciamento das camadas marginalizadas pelo processo colonial, o escrito angolano (re)visita o passado atribuindo-lhe novos significados e incorporando novas abordagens.



### **Considerações finais**

Na narrativa de *Pepetela*, o histórico funciona como elemento crítico-social que corrobora os questionamentos sobre as mais diversas e profundas estruturas dentro da sociedade angolana. Permeia o presente com um viscoso tecido formado com perspectivas que (re)significam o passado histórico do país.

O autor lança luz aos aspectos existenciais de suas personagens para que se revelem as estruturas dos aspectos pós-coloniais, em que o tempo, as imagens e aspectos sociais são entendidos a partir dessas construções diretamente ligadas a imagens de um futuro a ser construído. Forja a ação reminescente e a integra à reconstrução da memória coletiva nacional, a partir da recriação artística de subjetividades dispostas entre seus narradores e personagens.

Dessa feita, cabe ainda registrar a representação da fragmentação do homem, da sua memória e da história do país. É evidente o caráter pós-colonial de sua construção, que traz para sua narrativa as mais diversas releituras de um passado, que ainda se faz presente na memória coletiva de Angola. Revela-se na superfície textual como uma maneira de (re)imaginar e (re)significar a trajetória no passado e (re)construir seu futuro.

### **Referências**

ABDALA JR, B. **Literatura, história e Política**: literaturas de língua portuguesa no século XX. São Paulo: Editora Ática, 1989.

\_\_\_\_\_, **De vôos e ilhas**: literatura e comunitarismos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.



Vol. 15, nº 2, (2018)

AUGEL, M. P. **O desafio do escombro**: a literatura guineense e a narração da nação. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras-UFRJ, 2005.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006

CHAVES, R. **A Formação do Romance Angolano**: Entre Intenções e Gestos. Coleção Via Atlântica, São Paulo: FBLP, 1999, Vol. 1.

CHAVES E MACÊDO, T. (Org.). **Portanto ... Pepetela**, Ateliê Editorial, São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. **Marcas da Diferença as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2006.

DUTRA, R. Literatura e nação – Pepetela e a história de Angola. REVISTA DE HISTÓRIA COMPARADA, Rio de Janeiro, 5-1: 149-178, 2011.

FERREIRA, M. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa — I**, Amadora: Livraria Bertrand, 1977, vol. 06.

\_\_\_\_\_. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa — II**, Amadora: Livraria Bertrand, 1977 vol.07.

LARANJEIRA, P. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995

LEITE, A. M. **Oralidades & escritas nas literaturas africanas**, São Paulo: Edições Colibri, 1998

MATA, I. **Laços de Memória & Outros Ensaios Sobre Literatura Angolana**. Coleção Práxis, Luanda: UEA, 2006 vol. 07.

\_\_\_\_\_. **A Casa dos Estudantes do Império e o lugar da literatura na consciencialização política**, Lisboa: UCCLA, 2015.

PADILHA, L. C. Pepetela e a sedução da montagem cinematográfica: breves recortes. MULEMBA, Rio de Janeiro: UFRJ, V.1, n. 9, pp. 104- 118, jul./dez. 2013.



Vol. 15, nº 2, (2018)

PEPETELA, **A geração da utopia**. São Paulo: LeYa, 2013.

SARTESHI, R. Pepetela e O quase fim do mundo. In: ABDALA JR E SILVA, R. V. R. (Org.). **Literatura e memória política**: Angola. Brasil. Moçambique. Portugal, Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.

SOARES, F. Teoria da literatura e literaturas africanas. In: CHAVES E MACÊDO, T. (Org.). **Marcas da Diferença as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**, São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2006.

*Este texto é de responsabilidade de seus autores.*